

A Gênese



Allan Kardec

PARTE I – A Gênese segundo o Espiritismo
CAPÍTULO X – Gênese Orgânica

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Formação primária dos seres vivos	A Gênese	03
Formação primária dos seres vivos	DM Estudos Espíritas	07
II – Princípio Vital	A Gênese	08
Sucessão das coisas e dos seres	Chico Xavier pede licença	09
III – Geração espontânea	A Gênese	10
A geração espontânea e a gênese	Revista Espírita – julho 1868	11
IV – Escala dos seres orgânicos	A Gênese	15
Os quatro reinos da natureza	O Consolador	16
V – O homem corpóreo	A Gênese	18
O homem corpóreo	CEAK Imbituba SC	20

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

Parte I – A Gênese segundo o Espiritismo

Capítulo X – Gênese Orgânica

I – FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS

1. Tempo houve em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Cada espécie foi aparecendo, à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas. Isto é positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas, esse primeiro casal, donde saiu? É um desses mistérios que entendem com o princípio das coisas e sobre os quais apenas se podem formular hipóteses. A Ciência ainda não pode resolver o problema; pode entretanto, pelo menos, encaminhá-lo para a solução.

2. É esta a questão primordial que se apresenta: cada espécie animal saiu de um casal primitivo ou de muitos casais criados, ou, se o preferirem, germinados simultaneamente em diversos lugares?

Esta última suposição é a mais provável. Pode-se mesmo dizer que ressalta da observação. Com efeito, o estudo das camadas geológicas atesta, nos terrenos de idêntica formação, e em proporções enormes, a presença das mesmas espécies em pontos do globo muito afastados uns dos outros. Essa multiplicação tão generalizada e, de certo modo, contemporânea, fora impossível com um único tipo primitivo.

Doutro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo nascente, está sujeita a tantas vicissitudes, que toda uma criação poderia ficar comprometida, sem a pluralidade dos tipos, o que implicaria uma imprevidência inadmissível da parte do Criador supremo. Aliás, se, num ponto, um tipo se pode formar, em muitos outros pontos ele se poderia formar igualmente, por efeito da mesma causa.

Tudo, pois, concorre a provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. A formação dos primeiros seres vivos se pode deduzir, por analogia, da mesma lei em virtude da qual se formaram e formam todos os dias os corpos inorgânicos. À medida que se aprofunda o estudo das leis da Natureza, as engrenagens que, de início, pareciam tão complicadas se vão simplificando e confundindo na grande lei de unidade que preside a toda a obra da criação. Isso se compreenderá melhor, quando estiver compreendida a formação dos corpos inorgânicos, que é o degrau primário daquela outra.

4. A Química considera elementares umas tantas substâncias, como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Combinando-se, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige especial concurso de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequeidão, ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não se verificarem, a combinação não se operará.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades, características, enquanto o composto que deles resulta adquire outras, diferentes das daqueles. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio, que são gases invisíveis, quimicamente combinados formam a água, que é líquida, sólida, ou vaporosa, conforme a temperatura. Na água, a bem, dizer, já não há oxigênio nem hidrogênio, mas um corpo novo. Decomposta essa água, os dois gases, tornados livres, recobram suas propriedades: já não há água. A mesma quantidade desse líquido pode ser assim, alternativamente, decomposta e recomposta, ao infinito.

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

6. A composição e decomposição dos corpos se dão em virtude do grau de afinidade que os princípios elementares guardam entre si. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca que existe entre o oxigênio e o hidrogênio; mas, se se puser em contacto com a água um corpo que tenha com o oxigênio mais afinidade do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio se liberta. Já não haverá água.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de uma certa quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, são necessárias uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio forem combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água ter-se-á o deutóxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado, no entanto, dos mesmos elementos que entram na composição da água, porém noutra proporção.

8. Tal, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da Natureza. A inumerável variedade deles resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Por exemplo: o oxigênio, combinado em certas proporções, com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o mínio, que são venenosos. O oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a cré, as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico, o fosfato de cal, base sólida, dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidrocloreto; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. Todas essas combinações e milhares de outras se obtêm artificialmente, em pequenas quantidades, nos laboratórios de química; elas se operam em larga escala no grande laboratório da Natureza.

Em sua origem, a Terra não continha essas matérias em combinação, mas, apenas, volatilizados, seus princípios constitutivos. Quando as terras calcárias e outras, tornadas pedrosas com o tempo, se lhe depositaram na superfície, aquelas matérias não existiam inteiramente formadas; porém, no ar se encontravam, em estado gasoso, todas as substâncias primitivas. Precipitadas por efeito do resfriamento, essas substâncias, sob o império de circunstâncias favoráveis, se combinaram, segundo o grau de suas afinidades moleculares. Foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio em dissolução nas águas, depositadas, depois, na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência: tudo se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são volatilizáveis se volatilizariam. Depois, outro resfriamento determinaria nova precipitação e de novo se formariam as antigas combinações.

10. Estas considerações provam quanto a Química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes de se conhecerem as leis da afinidade molecular, não era possível compreender-se a formação da Terra. Esta ciência lançou grande luz sobre a questão, como o fizeram a Astronomia e a Geologia, doutros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos mais notáveis fenômenos é o da cristalização, que consiste na forma regular que assumem certas substâncias, ao passarem do estado líquido, ou gasoso, ao estado sólido. Essa forma, que varia de acordo com a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Toda gente conhece os cristais de açúcar cãndi; os cristais, de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces que terminam em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, para nós infinitamente pequenas, mas que não deixam por isso de ocupar um certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e justapõem segundo o exigem suas formas, de maneira a tomar cada uma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a constituir um conjunto simétrico.

A cristalização só se opera em certas circunstâncias favoráveis, fora das quais ela não pode dar-se. São condições essenciais o grau da temperatura e o repouso absoluto. Compreende-se que um calor muito forte, mantendo afastadas as moléculas, não lhes permitiria condensarem-se e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, não lhes consentiria formar senão uma massa confusa e irregular, donde o não haver cristalização propriamente dita.

12. A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono os que desempenham papel principal. Os outros entram acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que igualmente não se encontre no reino mineral. (1)

(1) O quadro abaixo, da análise de algumas substâncias, mostra a diferença de propriedades que resulta da só diferença na proporção em que entram os elementos constituintes. Sobre 100 partes, temos:

	Carbono	Hidrog.	Oxig.	Azoto
Açúcar de cana	42.470	6.900	50.630	—
Açúcar de uva	36.710	6.780	56.510	—
Álcool	51.980	13.700	34.320	—
Azeite de oliveira	77.210	13.360	9.430	—
Óleo de nozes	79.774	10.570	9.122	0.534
Gordura	78.996	11.700	9.304	—
Fibrina	53.360	7.021	19.685	19.934

13. Alguns exemplos comuns darão a compreender as transformações que se operam no reino orgânico, pela só modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva, não há vinho, nem álcool, mas apenas água e açúcar. Quando o suco fica maduro e são propícias as condições, produz-se nele um trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Por esse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e combinam nas proporções necessárias a produzir o álcool, de sorte que, em se bebendo suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois que este ainda não existe. Ele se forma das partes constituintes da água e do açúcar, sem que haja, em suma, uma molécula a mais ou a menos.

No pão e nos legumes que se comem, não há certamente carne, nem sangue, nem osso, nem bÍlis, nem matéria cerebral; entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, produzem aquelas diferentes substâncias tão-só pela transmutação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore, tampouco há madeiras, folhas, flores ou frutos e fora erro pueril crer-se que a árvore inteira, sob microscópica forma, ali se encontra. Quase não há, sequer, na

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

semente, oxigênio, hidrogênio e carbono em quantidade necessária a formar uma folha da árvore. Ela (1) contém um gérmen que desabrocha, em sendo favoráveis as condições. Esse gérmen se desenvolve por efeito dos sucos que haure da terra e dos gases que aspira do ar. Tais sucos, que não são lenho, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltrando-se na planta, lhe formam a seiva, como nos animais formam o sangue. Levada pela circulação a todas as partes do vegetal, a seiva, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, se transforma em lenho, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bílis, etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

(1) Na semente, como em todos os ovos que presidem à formação dos seres vivos, encontram-se presentes os genes que contem o código genético com as informações necessárias à formação da planta.

14. As diferentes combinações dos elementos, para formação das substâncias minerais, vegetais e animais, não podem, pois, operar-se, a não ser nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias se tornam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximando-se e se separam em virtude da lei de afinidades e, por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Desapareçam essas condições e o trabalho subitamente cessa, para recomeçar quando elas de novo se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, pára e prossegue, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se estiola ou perece noutros.

15. O que diariamente se passa às nossas vistas pode colocar-nos na pista do que se passou na origem dos tempos, porquanto as leis da Natureza não variam.

Visto que são os mesmos os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos; que os sabemos a formar incessantemente, em dadas circunstâncias, as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A semelhança de forma e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode comparar-se à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se, sob a ação da mesma lei, as moléculas produzem conjunto análogo.

Estudos

DM – Estudos Espíritas

I. Formação primária dos seres vivos

Formação primária dos seres vivos

Houve tempos que não existiam animais – depois começaram a surgir com a implementação, das condições necessárias a sua sobrevivência, no globo.

Apenas hipóteses podem ser apresentadas, em relação ao primeiro casal de cada espécie animal. Cada espécie saiu de um casal primitivo ou de muitos casais criados simultaneamente em vários lugares.

A segunda opção é a mais provável, visto que estudos efetuados em camadas geológicas apresentaram a presença de mesmas espécies em pontos diversos do globo, muito afastados uns dos outros.

A multiplicação tão generalizada, teria sido impossível partindo de um único tipo primitivo. Pode-se concluir que tudo vem provar que aconteceram a criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

Substâncias, como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais – são considerados elementares pela química.

Quando combinados formam corpos compostos, como por exemplo: óxidos, ácidos, álcalis e inúmeras variedades que resultam das possíveis combinações.

Havendo combinações, os componentes perdem suas propriedades e os compostos resultantes adquirem propriedades específicas.

Como exemplo, podemos mencionar, o oxigênio e o hidrogênio – gases invisíveis – que quimicamente combinados formam a água – que dependendo da temperatura se apresenta no estado – líquido, sólido ou vaporoso.

Todos os corpos compostos, se formam sempre em proporções definidas.

A química trouxe uma incrível luz, para compreender-se a formação da Terra – assim como a Astronomia e a Geologia.

Exemplos para compreender-se as transformações que acontecem no reino orgânico, só pela modificação dos componentes.

No suco da uva, não há vinho, nem álcool – apenas água e açúcar.

No amadurecimento do suco e em condições apropriadas – produz-se a fermentação – onde parte do açúcar se decompõe – e em proporções necessárias produz-se o álcool.

Na semente de uma árvore, não há madeira, folhas, flores e frutos – ela contém um gérmen que em condições favoráveis desabrocha – desenvolvendo-se através dos sucos que haure da terra e dos gases que aspira do ar.

Apenas em condições propícias e com diferentes combinações de elementos – formam-se as substâncias minerais, vegetais e animais – começando um trabalho de elaboração – e através da lei de afinidades e múltiplas combinações, as moléculas entram em movimento – atraindo-se, aproximando-se e separando-se – compondo uma infinita variedade de substâncias.

II – PRINCÍPIO VITAL

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata. Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros.

17. Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão. (Cap. VI, Uranografia geral.)

Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade.

18. Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se extingue, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o efeito produzido por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira subsiste à extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono; mas, não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que possível lhe é reconstituir uma pedra.

19. Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de compreender-se. Mais exato, no entanto, havéramos sido, dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se eletricidade. Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras pilhas elétricas, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.

Chico Xavier Pedo licença

Irmão Saulo

II. Princípio Vital

Sucessão das coisas e dos seres

O trabalho é o propulsor da evolução.

Tudo trabalha, diz Emmanuel. Em “O Livro dos Espíritos” encontramos a lei do trabalho que mereceu um capítulo especial, e a tese é a mesma dessa sua mensagem.

Em correlação com a Doutrina Espírita podemos encontrar várias teorias filosóficas.

Lembremo-nos de Bergson e a teoria do clã vital. A vida infiltrando-se na matéria, dominando-a e criando as coisas e os seres.

Mas lembremo-nos, também, de Dewey e a sua teoria da experiência universal.

Tudo é experiência, pois há um princípio vital em todas as coisas da Natureza.

A própria dialética de Hegel e sua derivação materialista correspondem à teoria espírita do trabalho universal.

Quando Emmanuel estabelece relações entre a semente, a roseira, a fonte, o metal e o animal, não está fazendo apenas comparações ou figuras, mas ilustrando com os exemplos naturais o princípio espírita da evolução.

Na pergunta 540 de “O Livro dos Espíritos” encontramos, na resposta dada pelos Espíritos, esta afirmação eloquente: “Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo até o arcanjo, que também já foi átomo”.

E Léon Denis ensinou: “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem”.

Alguns espíritas não aceitam o conceito de evolução em toda a sua amplitude e procuram por várias formas modificá-lo.

Emmanuel nos traz, porém, constantemente, através de suas mensagens, oportunos esclarecimentos a respeito.

Somos ainda muito pequeninos para abarcar em nossa visão mental toda a concepção espírita do Universo.

Note-se o tópico da mensagem em questão no qual ele nos coloca em ascensão da condição humana para a angelitude, mas não se esquece de advertir que “os outros elementos da Natureza se encontram, ainda, infinitamente distantes da condição humana”.

E é precisamente por causa dessa relação constante das coisas e dos seres que podemos comparar a luta do homem para a transcendência com a luta da semente para germinar.

É tão legítima essa comparação, e ao mesmo tempo tão elucidativa, que o próprio Cristo a usou na pregação da boa-nova, como vemos na Parábola do Semeador.

Somos sementes espirituais, sem dúvida. E como as sementes materiais, temos de trabalhar no seio da matéria para que o plano divino, encerrado em nós, se atualize na germinação e desenvolvimento do nosso espírito.

III - GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20. É natural se pergunte por que não mais se formam seres vivos nas mesmas condições em que se formaram os primeiros que surgiram na Terra.

Sobre esse ponto, não pode deixar de lançar luz a questão da geração espontânea, que tanto preocupa a Ciência, embora ainda esteja diversamente resolvida. O problema é este: Formam-se, nos tempos atuais, seres orgânicos pela simples reunião dos elementos que os constituem, sem germens, previamente produzidos pelo modo ordinário de geração, ou, por outra, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente, apoiando-se em observações diretas, que parecem concludentes. Pensam outros que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros, firmados sobre o fato, que a experiência comprova, de que os germens de certas espécies vegetais e animais, mesmo dispersos, conservam latente vitalidade, durante longo tempo, até que as circunstâncias lhes favoreçam a eclosão. Esta maneira de entender deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir os dois sistemas, convém acentuar que o princípio da geração espontânea evidentemente só se pode aplicar aos seres das ordens mais ínfimas do reino vegetal e do reino animal, àqueles em os quais a vida começa a despontar e cujo organismo, extremamente simples, é, de certo modo, rudimentar. Foram esses, com efeito, os primeiros que apareceram na Terra e cuja formação houve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, análoga à que se produziu nas primeiras idades do mundo.

22. Mas, então, por que não se formam da mesma maneira os seres de complexa organização? Que esses seres não existiram sempre, é fato positivo; logo, tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem produzir-se espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

Param aí, por enquanto, as investigações; desaparece o fio condutor e, até que ele seja encontrado, fica aberto o campo às hipóteses. Fora, pois, imprudente e prematuro apresentar meros sistemas como verdades absolutas.

23. Se a geração espontânea é fato demonstrado, por muito limitado que seja, não deixa de constituir um fato capital, um marco de natureza a indicar o caminho para novas observações. Sabe-se que os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira; mas, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Vendo o carvalho sair da glândula, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipo e o elefante? (Nº 25.)

No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos estabelecer a teoria da geração espontânea permanente, senão como hipótese, mas como hipótese provável e que um dia, talvez, tome lugar entre as verdades científicas incontestes. (1)

(1) Revue Spirite, julho de 1868, pág. 201: “Desenvolvimento da teoria da geração espontânea”.

A geração espontânea e a gênese

Na obra A Gênese, desenvolveu-se a teoria da geração espontânea como uma hipótese provável. Alguns partidários absolutos dessa teoria admiraram-se que não a tenhamos afirmado como princípio. A isto respondemos que se a questão está resolvida para uns, não o está para todos, e a prova é que a esse respeito a Ciência ainda está dividida. Ademais, ela é do domínio científico, onde o Espiritismo não pode colher e onde nada lhe cabe resolver de maneira definitiva, naquilo que não é essencialmente da nossa competência.

Pelo fato do Espiritismo assimilar todas as ideias progressistas, não se segue que ele se faça campeão cega de todas as concepções novas, por mais sedutoras que se apresentem à primeira vista, com o risco de mais tarde receber um desmentido da experiência e de se dar ao ridículo de haver patrocinado uma obra inviável.

Se ele não se pronuncia abertamente sobre certas questões controversas, não é, como poderiam supor, para manejar os dois partidos, mas por prudência, e para não se adiantar levemente num terreno ainda não suficientemente explorado.

Eis por que ele não aceita as ideias novas, mesmo as que lhe parecem justas, inicialmente sob reserva, para efeito de futura ponderação, e de maneira definitiva apenas quando chegaram ao estado de verdades reconhecidas.

A questão da geração espontânea se enquadra neste caso. Pessoalmente é para nós uma convicção, e se tivéssemos que tratá-la numa obra comum, tê-la íamos resolvido pela afirmativa; mas numa obra constitutiva da Doutrina Espírita, as opiniões individuais não podem fazer lei.

Não sendo a doutrina baseada em probabilidades, não poderíamos resolver uma questão de tal importância tão logo tenha surgido, e que ainda está em litígio entre os especialistas.

Afirmar a coisa sem restrição, teria sido comprometer a Doutrina prematuramente, o que não fazemos nunca, nem mesmo para fazer prevalecerem as nossas simpatias.

O que, até aqui, deu força ao Espiritismo; o que dele fez uma ciência positiva e de futuro, é que ele jamais avançou levemente; que não se constituiu sobre nenhum sistema preconcebido; que não estabeleceu nenhum princípio absoluto sobre a opinião pessoal, nem de um homem, nem de um Espírito, mas somente depois que esse princípio recebeu a consagração da experiência e de uma demonstração rigorosa, resolvendo todas as dificuldades da questão.

Quando formulamos um princípio, portanto, é que previamente nos asseguramos do assentimento da maioria dos homens e dos Espíritos. Eis por que não temos tido decepções. Esta é, também, a razão pela qual nenhuma das bases que constituem a Doutrina, e isto há cerca de doze anos, recebeu desmentido oficial; os princípios de O Livro dos Espíritos foram sucessivamente desenvolvidos e completados, mas nenhum caiu em desuso, e nossos últimos escritos não estão, em nenhum ponto, em contradição com os primeiros, a despeito do tempo decorrido e das novas observações que foram feitas.

Certamente assim não teria sido se tivéssemos cedido às sugestões dos que incessantemente nos gritavam para ir mais depressa; se tivéssemos esposado todas as teorias que eclodiam de todos os lados.

Por outro lado, se tivéssemos escutado os que nos pediam que fôssemos mais lentamente, ainda estaríamos observando as mesas girantes. Vamos em frente quando sentimos que o momento é propício e vemos que os espíritos estão maduros para aceitar uma ideia nova; detemo-nos quando vemos que o terreno não é bastante sólido para aí fincar o pé.

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

Com a nossa aparente lentidão e nossa circunspecção muito meticulosa para o gosto de certas pessoas, avançamos mais do que se nos tivéssemos posto a correr, porque evitamos tropeçar no caminho.

Não tendo motivo para lamentar a marcha que temos seguido até agora, não a alteraremos.

Dito isto, completaremos com algumas observações o que dissemos em A Gênese sobre a geração espontânea.

Sendo a Revista um terreno de estudo e de elaboração de princípios, nela dando claramente a nossa opinião, não tememos empenhar a responsabilidade da doutrina, porque a doutrina adotará se ela for justa e a rejeitará se for false.

É um fato hoje cientificamente demonstrado que a vida orgânica nem sempre existiu na Terra, e que ela aí teve um começo. A Geologia permite seguir o seu desenvolvimento gradual. Os primeiros seres do reino vegetal e do reino animal que apareceram, então, devem ter-se formado sem procriação, e pertencer às classes inferiores, como o constatarem as observações geológicas.

À medida que se reuniram os elementos dispersos, as primeiras combinações formaram corpos exclusivamente inorgânicos, isto é, as pedras, as águas e os minerais de toda espécie.

Quando esses mesmos elementos se modificaram pela ação do fluido vital — que não é o princípio inteligente — eles formaram corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular, cada um na sua espécie.

Ora, assim como a cristalização da matéria bruta não ocorre senão quando uma causa acidental não vem opor-se ao arranjo simétrico das moléculas, os corpos organizados se formam desde que as circunstâncias favoráveis de temperatura, de umidade, de repouso ou de movimento, e uma espécie de fermentação permitem que as moléculas da matéria, vivificadas pelo fluido vital, se reúnam. É o que se vê em todos os germes em que a vitalidade pode ficar latente durante anos e séculos, e se manifestar num dado momento, quando as circunstâncias são propícias.

Os seres não procriados formam, pois, o primeiro escalão dos seres orgânicos, e provavelmente um dia serão contados na classificação científica. Quanto às espécies que se propagam por procriação, uma opinião que não é nova, mas que hoje se generaliza sob a égide da Ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto da espécie imediatamente inferior. Assim estabeleceu-se uma cadeia ininterrupta, desde o musgo e o líquen até o carvalho, e depois o zoófito, a minhoca até o homem. Sem dúvida entre a minhoca e o homem, se considerarmos apenas os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os elos intermediários, encontramos uma filiação sem solução de continuidade.

Os partidários desta teoria que, repetimo-lo, tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva, estão longe de ser todos espiritualistas, e ainda menos espíritas. Não considerando senão a matéria, eles fazem abstração do princípio espiritual ou inteligente. Essa questão nada prejudica, pois, sobre a filiação desse princípio da animalidade na Humanidade; é uma tese da qual não vamos tratar hoje, mas que já se debate em certas escolas filosóficas não materialistas. Não se trata, pois, senão do envoltório carnal, distinto do Espírito, como a casa o é de seu habitante. Então o corpo do homem pode ser perfeitamente uma modificação do corpo do macaco, sem que se siga que o seu espírito seja o mesmo que o do macaco.

(A Gênese, cap. XI nº 15).

A questão que se liga à formação deste envoltório não deixa de ser muito importante, primeiro porque resolve um sério problema científico, porquanto destrói preconceitos de longa data, arraigados pela ignorância, e depois porque os que a estudam exclusivamente chocar-se-ão com dificuldades insuperáveis quando quiserem dar-se conta de todos os efeitos, absolutamente como se quisessem explicar os efeitos da telegrafia sem a eletricidade; eles não encontrarão a solução

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

destas dificuldades senão na ação do princípio espiritual que deverão admitir, afinal de contas, para sair do impasse em que estarão empenhados, sob pena de deixar sua teoria incompleta.

Deixemos, pois, o materialismo estudar as propriedades da matéria; esse estudo é indispensável, e isso será feito, efetivamente: o espiritualismo não terá mais que completar o trabalho no que lhe concerne. Aceitemos suas descobertas e não nos inquietemos com suas conclusões absolutas, porque uma vez demonstrada a sua incapacidade para tudo resolver, as necessidades de uma lógica rigorosa concluirão forçosamente pela espiritualidade; e sendo a própria espiritualidade geral incapaz de resolver os inúmeros problemas da vida presente e da vida futura, será encontrada a única chave possível nos princípios mais positivos do Espiritismo. Já vemos uma porção de homens chegarem por si mesmos às consequências do Espiritismo, sem conhecê-lo, uns começando pela reencarnação, outros pelo perispírito.

Eles fazem como Pascal, que descobriu os elementos da geometria sem estudo prévio, e sem suspeitar que aquilo que ele acreditava ter descoberto era uma obra concluída. Dia virá em que os pensadores sérios, estudando esta doutrina com a atenção que ela comporta, ficarão muito surpresos de nela encontrar o que procuravam, e proclamarão abertamente um trabalho cuja existência eles não suspeitavam.

É assim que tudo se encadeia no mundo; da matéria bruta saíram os seres orgânicos, cada vez mais aperfeiçoados; do materialismo sairão, pela força das coisas e por dedução lógica, o espiritualismo geral, depois o Espiritismo, que não é outra coisa senão o espiritualismo estabelecido com precisão, apoiado nos fatos.

O que se passou na origem do mundo para a formação dos primeiros seres orgânicos acontece em nossos dias, pela via do que se chama a geração espontânea? Eis a questão. De nossa parte, não hesitamos em pronunciar-nos pela afirmativa.

Os partidários e os adversários confrontam reciprocamente experiências que deram resultados contrários; mas estes últimos esquecem que o fenômeno não se pode produzir senão em condições adequadas de temperatura e aeração; buscando obtê-las fora dessas condições, eles devem necessariamente fracassar.

Sabe-se, por exemplo, que para a eclosão artificial dos ovos, há necessidade de uma temperatura regular determinada, e certas precauções minuciosas especiais. Quem negasse tal eclosão porque não a tivesse obtido com alguns graus a mais ou a menos, e sem as precauções necessárias, estaria no mesmo caso daquele que não obtém a geração espontânea num meio impróprio. Parece-nos, pois, que se essa geração forçosamente se produziu nas primeiras idades do globo, não há razão para que ela não se produza em nossa época, se as condições forem as mesmas, como não há razão para que não se formem calcários, óxidos, ácidos e sais, como no primeiro período.

Está hoje constatado que os pelos do mofo constituem uma vegetação que nasce sobre a matéria orgânica que atingiu um certo estado de fermentação.

O mofo nos parece ser o primeiro, ou um dos primeiros tipos da vegetação espontânea, e essa vegetação primitiva, que persiste, revestindo formas diversas, conforme o meio e as circunstâncias, nos dá os líquens, os musgos, etc.

Querem um exemplo mais direto? Que são os cabelos, a barba e os pelos do corpo dos animais, senão uma vegetação espontânea?

A matéria orgânica animalizada, isto é, contendo uma certa porção de azoto, dá origem a vermes que têm todos os caracteres de uma geração espontânea. Quando o homem ou um animal qualquer está vivo, a atividade da circulação do sangue e o funcionamento incessante dos órgãos

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

mantêm uma temperatura e um movimento molecular que impedem os elementos constitutivos dessa geração de se formar e se reunir. Quando o animal está morto, a parada da circulação e do movimento, o abaixamento da temperatura num certo limite, produzem a fermentação pútrida e, em consequência, a formação de novos compostos químicos. É então que se veem todos os tecidos subitamente invadidos por miríades de vermes que neles se repastam, sem dúvida para apressar a sua destruição. Como seriam procriados, se antes não havia traços deles?

Objetarão, sem dúvida, que são os ovos das moscas depositados na carne morta. Mas isto nada provaria, porque os ovos das moscas são depositados na superfície, e não no interior dos tecidos, e porque a carne, posta ao abrigo das moscas, ao cabo de um certo tempo não está menos pútrida e cheia de vermes; muitas vezes eles são vistos invadindo os corpos antes da morte, quando há um começo parcial de decomposição pútrida, notadamente nas feridas gangrenosas.

Certas espécies de vermes se formam durante a vida, mesmo num estado de saúde aparente, sobretudo nos indivíduos linfáticos, cujo sangue é pobre, e que não têm a superabundância de vida que se nota em outros. São as lombrigas ou vermes intestinais; as tênias ou solitárias que por vezes atingem sessenta metros de comprimento, e se reproduzem por fragmentos, como os pólipos e certas plantas; os dragonneaux, peculiares à raça negra e a certos climas, de um comprimento de trinta a trinta e cinco centímetros, finos como um fio de linha, e que saem através da pele, pelas pústulas; os ascarídeos, os tricocéfalos, etc. Muitas vezes eles formam massas consideráveis a ponto de obstruir o canal digestivo, sobem ao estômago e até a boca; atravessam os tecidos, alojam-se nas cavidades ou em volta das vísceras, enovelam-se como ninhos de lagarta e causam graves desordens na economia.

Sua formação bem podia ser devida a uma geração espontânea, tendo sua fonte num estado patológico especial, na alteração dos tecidos, no enfraquecimento dos princípios vitais e em secreções mórbidas. Poderia dar-se o mesmo com os vermes do queijo, o ácaro da sarna, e numa porção de animáculos que podem nascer no ar, na água e nos corpos orgânicos.

É verdade que se poderia supor que os germes dos vermes intestinais são introduzidos na economia com o ar que se respira e com os alimentos, e que aí se desenvolvam. Mas, então, surge outra dificuldade: perguntar-se-ia por que a mesma causa não produz o mesmo efeito sobre todos; por que nem todo mundo tem solitária, nem mesmo lombrigas, quando a alimentação e a respiração em todos produzem idênticos efeitos fisiológicos. Ademais, esta explicação não seria aplicável aos vermes da decomposição pútrida que vêm após a morte, nem aos do queijo e tantos outros. Até prova em contrário, somos levados a considerar como sendo, ao menos em parte, um produto da geração espontânea, do mesmo modo que os zoófitos e certos pólipos.

A diferença de sexos que se reconheceu, ou pensou reconhecer em certos vermes intestinais, notadamente no tricocéfalo, não seria uma objeção concludente, visto que eles não deixam de pertencer à ordem dos animais inferiores, e, por isso mesmo, primitivos. Ora, como a diferença dos sexos deve ter tido um começo, nada se oporia a que nascessem espontaneamente macho ou fêmea.

Aí não estão, portanto, hipóteses, mas que parecem vir em apoio ao princípio. Até onde ele estende a sua aplicação? É o que não se poderia dizer. O que se pode afirmar é que ela deve ser circunscrita aos vegetais e aos animais de organização mais simples, e não nos parece duvidoso que assistamos a uma criação incessante.

IV - ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS

24. Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os zoófitos ou animais-plantas, cujo nome indica que eles participam de um e outro: serve-lhes de traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como aqueles, precisam elas de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, desde que lhes faltem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Oferecem como caráter distintivo mais acentuado conservarem-se presas ao solo e tirarem dele a nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência, exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação.

Um degrau acima, o animal é livre e procura o alimento: em primeiro lugar, vêm as inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela faculdade da locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, aos quais a vida assume prodigiosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que abrange os peixes, os reptis, os pássaros; seguem-se, por fim, os mamíferos cuja organização é a mais completa.

25. Se se considerarem apenas os dois pontos extremos da cadeia, nenhuma analogia aparente haverá; mas, se se passar de um anel a outro sem solução de continuidade, chega-se, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreende-se então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, sucessivamente, até ao primitivo ser elementar. Entre a glande e o carvalho é grande a diferença; entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da glande, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos de que este proceda de tão pequena semente. Ora, se a glande encerra em latência os elementos próprios à formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do ácaro ao elefante? (Nº 23.)

De acordo com o que fica dito, percebe-se que não exista geração espontânea senão para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de reproduzir-se, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germens primitivos donde ela surgiu não desapareceram para sempre, por inúteis? Quem nos diz que o nosso ácaro atual seja idêntico ao que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Explicar-se-ia assim porque não há geração espontânea entre os animais de complexa organização.

Esta teoria, sem estar admitida ainda, de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar hoje na Ciência. Os observadores sérios aceitam-na como a mais racional.

Os quatro reinos da natureza

A característica do reino mineral é a ausência de vida

1. Observando os seres da Natureza, os naturalistas os classificaram em três reinos: mineral, vegetal e animal. Neste último incluíram também o homem, considerando-o apenas do ponto de vista físico, isto é, somente em seu corpo material, que é, efetivamente, em tudo semelhante aos animais superiores. Considerado, no entanto, em sua integralidade, o homem distingue-se de todos os outros seres pela sua inteligência e racionalidade. Ele se destaca, pois, dos animais por qualidades que não pertencem à matéria e que constituem atributos do Espírito. Existiria, então, na Natureza um quarto reino: o hominal.

2. A distinção entre os seres da Natureza é de tal modo intuitiva que desde muito entrou no entendimento humano. Contudo, observando-se os seres mais simples dos extremos das três séries naturais, somos obrigados a reconhecer formas de transição tão sutis que é difícil determinar, dentre elas, qual a classificação exata a que pertençam.

3. Há, no entanto, um caráter distintivo entre os minerais e os dos outros grupos, que nenhuma dúvida oferece ao analista: é a ausência de vida nos minerais e a presença dela nos vegetais e nos animais. Por isso, prefere-se um outro tipo de classificação que considera, de um lado, os minerais constituindo os seres brutos ou inorgânicos, e de outro, os vegetais e animais compondo o grupo dos seres vivos ou orgânicos.

4. A presença da vida traduz-se nos seres orgânicos pela organização celular da matéria de seus corpos e o correspondente aparecimento das funções de nutrição e reprodução. Há muitos seres constituídos de uma única célula (1), como os protófitos, entre os vegetais, e os protozoários, entre os animais. Nos seres evoluídos, as células se reúnem em tecidos, os tecidos em órgãos e estes em sistemas e aparelhos orgânicos.

Os animais demonstram possuir certo grau de inteligência

5. Respondendo à pergunta 585 d'O Livro dos Espíritos, acerca da divisão da Natureza em três reinos, os Espíritos disseram que do ponto de vista material há apenas seres orgânicos e inorgânicos, mas do ponto de vista moral existem evidentemente quatro graus: minerais, vegetais, animais e a espécie humana.

6. Os seres que formam o reino mineral só manifestam uma força mecânica, que decorre unicamente da matéria de que são formados. Faltam-lhes inteligência e vontade. Tais seres não revelam nem mesmo, instintos, o que mostra que, se neles existe algum princípio diferente da matéria, está ele completamente, abafado, dormente, em total estado de latência e inatividade.

7. Os seres que formam o reino vegetal, igualmente até certo ponto, inertes e brutos, não têm inteligência nem vontade ativa, mas apresentam o movimento interior da vida e realizam um completo ciclo vital: nascem, crescem, nutrem-se, desenvolvem-se, reproduzem-se, definham e morrem. É que, além da matéria densa, são dotados do princípio vital, de que deriva essa força prodigiosa que lhes comunica a vida. Esses seres não revelam, porém, consciência alguma de sua existência, não sentem prazeres ou dores, não têm percepções e sentimentos. Só possuem vida orgânica, que lhes é comunicada por sua união com o princípio vital.

8. Os seres que formam o reino animal vivem como os vegetais, mas apresentam movimento e sensações que os vegetais não têm, observando-se, no tocante aos animais superiores, que seus movimentos são livres e obedecem nitidamente à vontade, o que revela que possuem certo grau

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

de inteligência. Prevalece, contudo, no animal o instinto – sua inteligência não lhe dá inteira capacidade de raciocinar.

O livre-arbítrio é apanágio da espécie humana

9. O homem, pelo seu corpo material, se assemelha aos animais, mas deles se distingue totalmente por sua natureza espiritual, por sua alma, que lhe confere razão e senso moral. Dizem os Espíritos Superiores que é muito grande a distância que existe entre a alma do homem e a alma dos animais. No homem vibra, como ser essencial, um Espírito consciente, livre e responsável, destinado a realizar na sua plenitude a pureza, a justiça, o amor e a caridade.

10. O corpo do homem se destrói, como o dos animais, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. O livre-arbítrio é, como sabemos, apanágio da espécie humana. Há, ainda, outra diferença importante entre o animal e o homem: após a morte do corpo físico, a alma do animal conserva a sua individualidade, mas não a consciência do seu eu, e a vida inteligente lhe permanece em estado latente.

11. A alma do animal – ensina o Espiritismo – fica, depois da morte de seu corpo físico, numa espécie de erraticidade, visto que não mais se acha unida ao corpo, mas não é considerada um Espírito errante, denominação que somente se aplica ao Espírito humano, que pode pensar e obrar por sua livre vontade.

12. De idêntica faculdade não dispõem os animais. Depois da morte corpórea, a alma dos animais é classificada pelos Espíritos incumbidos dessa tarefa e utilizada quase imediatamente.

(1) Em biologia, chama-se célula à unidade estrutural e funcional, básica dos seres vivos, composta de numerosas partes, sendo as principais a membrana, o citoplasma e o núcleo. O vocábulo aplica-se também à designação da menor unidade de matéria viva que pode existir de maneira independente, e ser capaz de reproduzir-se. Uma bactéria, por exemplo, é um micro-organismo unicelular, desprovido de núcleo individualizado, pertencente ao grupo que abrange todos os organismos procariotos (organismos formados por uma única célula desprovida de membrana nuclear), à exceção das cianofíceas (classe de algas unicelulares ou filamentosas de estrutura simples, cujos pigmentos verde, azulados decorrem da ausência de cloroplasto; algas azuis, cianobactérias).

Bibliografia

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 585 a 600.)

Kardec Allan, A Gênese, (item 29.)

V - O HOMEM CORPÓREO

26. Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

27. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos bímanos. Logo abaixo dele vêm os quadrúmanos (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó, têm certos ademanos do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: homens das florestas. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, com a mão, os alimentos: sinais característicos.

28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, se é forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contacto com o anel precedente. Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado.

29. Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que se resignar a não ver no seu corpo material mais do que o último anel da animalidade na Terra. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite, extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem.

30. O materialismo pode por aí ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu positivismo, lhe vai ao encontro e os provoca, por possuir a certeza de que o princípio espiritual, que tem existência própria, em nada pode com elas sofrer.

O Espiritismo marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria; admite tudo o que o segundo admite; mas, avança para além do ponto onde este último pára. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto; chegados a certa distância, diz um: “Não posso ir mais longe.” O outro prossegue e descobre um novo mundo. Por que, então, há de o primeiro dizer que o segundo é louco, somente porque, entrevendo novos horizontes, se decide a transpor os limites onde ao outro convém deter-se? Também Cristóvão Colombo não foi tachado de louco, porque acreditava na existência de um mundo, para lá do oceano? Quantos a História não conta desses loucos sublimes, que não feito que a Humanidade avançasse e aos quais se tecem coroas, depois de se lhes haver atirado lama?

Pois bem – o Espiritismo, a loucura do século dezenove, segundo os que se obstinam em permanecer na margem terrena, nos patenteia todo um mundo, mundo bem mais importante para o homem, do que a América, porquanto nem todos os homens vão à América, ao passo que

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

todos, sem exceção de nenhum, vão ao dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro.

Galgado o ponto em que nos achamos com relação à Gênese, o materialismo se detém, enquanto o Espiritismo prossegue em suas pesquisas no domínio da Gênese espiritual.

Estudos

CEAK Imituba / SC

V. O homem corpóreo

O homem corpóreo

Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, nos seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais.

Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais.

Quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual ganha importância; se o primeiro o nivela com os brutos, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o círculo onde o animal se detém; não vemos o limite que possa alcançar o Espírito do homem.

Princípio Espiritual

Decorre do princípio: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente”.

As ações humanas denotam um princípio inteligente, que é corolário da existência de Deus. Sendo Deus soberanamente justo e bom, criou seres inteligentes não para lançá-los ao sofrimento e em seguida ao nada, mas para serem eternos, sobrevivendo à matéria e mantendo sua individualidade.

O princípio espiritual é independente do princípio vital, pois há seres que vivem e não pensam, como as plantas; “a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao espírito”.

O Princípio Espiritual, juntamente, com o princípio material, são os dois princípios constitutivos do universo.

O elemento espiritual individualizado constitui o espírito, enquanto que o elemento material forma os “diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos”.

Todos os espíritos “são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir” por esforço próprio, através do trabalho imposto a todos até atingir a perfeição.

Antes que a Terra existisse, mundos se sucederam aos mundos e, desde que a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço era povoado por seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que nasciam à vida, até os que por toda eternidade, tinham tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados de anjos.

Reforçando:

O princípio espiritual teria sua fonte no elemento cósmico universal?

Se assim o fosse, o princípio espiritual estaria sujeito às vicissitudes da matéria, ele se extinguiria pela desagregação, como o princípio vital.

Qual seria então a origem, a partida do ser espiritual?

A Gênese – (Parte I – Capítulo X)

O que Deus permite que seus mensageiros revelem, o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça divina, é que todos procedem do mesmo ponto de partida, que são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir e que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais. Todos são filhos do mesmo Pai, objeto de igual solicitude. Nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

“O Princípio Espiritual é o germen do Espírito, a protoconsciência. Uma vez nascido, jamais se desfará, jamais morrerá. Filho de Deus Altíssimo inicia então a sua lenta evolução, no espaço e no tempo, rumo ao principado celeste, à infinita grandeza crística. Durante milênios vai residir nos cristais, em longuíssimo processo de auto, fixação, ensaiando aos poucos os primeiros movimentos internos de organização e crescimento volumétrico, até que surja, no grande relógio da existência, o instante sublime em que será liberado para a glória orgânica da Vida.”
(Espírito Áureo, no livro “UNIVERSO E VIDA”, à pág.42)

A benfeitora Joanna de Ângelis, na obra “Iluminação Interior”, na primeira lição (A Divina Presença), assevera que: “Manifestando-se em sono profundo nos minerais através dos milhões de milênios, germina, mediante processo de modificação estrutural, transferindo-se para o reino vegetal”.

Nesse mesmo sentido, Emmanuel diz que: “A escala do progresso é sublime e infinita. No quadro exíguo dos vossos conhecimentos, busquemos uma figura que nos convoque ao sentimento de solidariedade e de amor que deve imperar em todos os departamentos da natureza visível e invisível. O mineral é atração.

O vegetal é sensação. O animal é instinto. O homem é razão. O anjo é divindade”.

(O Consolador questão nº 79.)

Assim sendo, percebemos a exatidão da informação dos benfeitores espirituais quando, na questão nº 540 de “O Livro dos Espíritos”, dizem que “É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele sempre começa pelo átomo”.